

MERCADO DE PRODUTOS FLORESTAIS SE AQUECE E PERSPECTIVAS NOVAS SURGEM PARA PRODUTOS CERTIFICADOS

O mercado de produtos florestais, de modo geral está aquecido neste primeiro quadrimestre de 2010. Afora qualquer mudança imprevista de rumo, tudo leva a crer que o crescimento da economia será bem mais expressivo do que dos anos anteriores recentes. Na conjuntura deste mês de maio de 2010, do Centro de Inteligência em Florestas, além da habitual análise do mercado dos produtos florestais convencional, procurou-se abordar também o mercado de produtos florestais certificados.

A consciência ambiental, apesar dos céticos, cresce em todo o planeta. Os consumidores globais, além de produtos de qualidade, têm requerido produtos que agreguem valores, tais como: qualidade de vida para produtores, uso sustentável do meio ambiente, preservação da cultura dos povos, certificado de origem, dentre outros. Até alguns anos atrás, essas eram exigências de consumidores mais ricos ou elitizados, principalmente nos países mais desenvolvidos. Entretanto, nos anos recentes, essas estão se ampliando no seio da sociedade moderna que se importa com o meio ambiente e se dispõe a pagar por um produto, em geral, mais caro. No entanto, há de se convir que esses consumidores constituem grupos minoritários, principalmente no Brasil e, particularmente, para produtos florestais. De modo geral, a certificação florestal garante ao consumidor que determinado produto é originário de manejo florestal ambientalmente adequado, socialmente justo e economicamente viável.

Na área florestal, a entidade certificadora de destaque no âmbito internacional é o FSC, Conselho de Manejo Florestal (Forest Stewardship Council) que credencia as certificadoras a emitirem certificados com base nos princípios e critérios por ele definidos. Atualmente, as mais importantes são as seguintes: a Rainforest Alliance, a SCS – Scientific Certification System, Inc., a Soil Association, a Skal, e a IMO.

As denominadas Redes de Comércio Florestal Certificado envolvem Grupos de Compradores, em vários países como Estados Unidos, Alemanha, Espanha, Canadá, Bélgica, Austrália, Holanda, Áustria, Suécia, Suíça, Finlândia, Dinamarca, Noruega e Inglaterra e outros que se comprometem a comercializar ou utilizar somente madeira certificada. No Brasil, o Grupo foi lançado em abril de 2000, e conta com algumas empresas em várias categorias de negócios florestais, como de móveis, construção civil, indústria madeireira e redes varejistas.

A certificação em geral confere preços melhores aos produtos, fornece uma base sólida e confiável para a rastreabilidade, para identificação de pontos de degradação no meio ambiente e facilita o acesso desses aos mercados que os requerem. A certificação, no entanto, pode vir a ser uma barreira por envolver custos maiores impedindo a inserção de produtores e empresários nesse tipo de comércio. No entanto, o crescimento da certificação em todo o mundo é irreversível. No Brasil o crescimento da certificação enfrenta problemas ligados à questão fundiária, às dificuldades nos processos de licenciamento ambiental, dentre outros.

Segmento de Celulose e Papel

O segmento nacional de celulose e papel possui a maior área de florestas certificadas entre os segmentos de base florestal do país. A indústria do papel é a que mais tem aderido à certificação, na fabricação de folhas para impressão, lenços, guardanapos e embalagens. A demanda por produtos certificados tem sido impulsionada principalmente por empresas, mas o consumidor final também vem assumindo um papel importante no sentido de exigir produtos de origem sustentável.

Dados divulgados pela FAO e pela BRACELPA indicaram que de 2000 a 2008 ocorreu um crescimento médio anual de 20,9% no valor e na quantidade exportada do segmento de celulose e papel no país. Na quantidade produzida o aumento foi de 3,8% no mesmo período. Considerando um período mais recente, janeiro a abril de 2010, observou-se que as exportações brasileiras de celulose totalizaram US\$ 1,13 bilhão no primeiro trimestre, um acréscimo de 48,8% em relação ao mesmo período de 2009. Somados os embarques de papel, a indústria nacional exportou 41,4% a mais no trimestre, com US\$ 1,62 bilhão. A certificação florestal certamente influenciou o crescimento das exportações e da produção do segmento de celulose e papel no Brasil a partir do final da década de 90, pois esse foi o período em que esse processo apresentou forte crescimento no país, devido às exigências do mercado com relação a produtos certificados. Recentemente, o que também explica o aumento dessas exportações é alta acentuada nos preços em dólar, bem como o aumento da demanda da China e o terremoto no Chile que tirou a celulose chilena de circulação - só agora parte da produção do país voltou ao mercado.

Segmento de Produtos Florestais Não-Madeireiros

As políticas públicas de apoio aos produtores para a certificação têm avançado consideravelmente nos últimos anos. Entretanto, com relação a produtos florestais não-madeireiros, discute-se muito sobre as condições impostas às organizações extrativistas.

Para garantir as exigências de certificação de um produto, os extrativistas devem dedicar grande parte de seu tempo de trabalho nessas atividades, comprometendo a obtenção de outros produtos ou a realização de serviços que compõem a sua renda. Além disso, os custos envolvidos na obtenção e manutenção dos certificados, freqüentemente, tornam as organizações inadimplentes. Essas são algumas dificuldades acabam prejudicando as exportações do segmento. Um exemplo disso é a Castanha-do-Pará, um dos produtos florestais não-madeireiros mais exportados pelo Brasil. Porém, o país perdeu a liderança na exportação desse produto para a Bolívia e para o Peru. O crescimento das exportações da Castanha-do-Pará nesses países está associado não somente às políticas locais de incentivo ao desenvolvimento de pequenas usinas, mas também à inserção dos castanheiros nos mercados de comércio justo e orgânico.

Com relação ao palmito, nos últimos anos, os produtores brasileiros obtiveram avanços consideráveis em busca de um maior reconhecimento do palmito brasileiro no exterior. Como exemplo cita-se o caso de pequenos produtores de palmito do Sul da Bahia, que se organizaram em cooperativas locais e conquistaram os selos ISO 9001, Rainforest Alliance Certified, dentre outros, que agregam valor e contribuem para o aumento da exportação desse produto.

As exportações brasileiras de produtos florestais não-madeireiros totalizaram US\$ 5,2 milhões de janeiro a março de 2010, sendo a Castanha-do-Pará responsável pela maior parte dessas exportações (Quadro 1). Apesar de ser um valor considerável, o país ainda está muito aquém do seu potencial no que diz respeito às exportações e à produção de produtos florestais não-madeireiros. Como esses produtos são importantes fontes de renda, divisas, empregos e impostos para o Brasil, torna-se necessário a criação de políticas públicas que facilitem a certificação nesse segmento do setor florestal.

Quadro 1 – Exportações Brasileiras de Produtos Florestais Não-madeireiros, em US\$ FOB, janeiro a março de 2010.

Período	Castanha-do-Pará	Óleos Essenciais de Eucalipto	Taninos	Palmito em conserva
Jan./2010	902.030	223.078	252.798	510.394
Fev./2010	681.733	299.607	0	440.030
Mar./2010	859.428	46.717	34.083	1.030.367

Fonte: MDIC (2010).

Com relação à borracha natural, o Brasil foi durante muitos anos o maior exportador mundial do produto. No entanto, hoje se configura como um importador. A produção nacional representa apenas 1,2% do total mundial, e o consumo, cerca de 3,7%. De janeiro a março de 2010, as importações nacionais do elastômero somaram, aproximadamente, US\$166 milhões (Quadro 2).

Quadro 2 – Importações Brasileiras de Borracha Natural, em US\$ FOB, janeiro a março de 2010.

Período	US\$ FOB
Jan./2010	42.648.933
Fev./2010	52.385.924
Mar./2010	70.980.813

Fonte: MDIC (2010).

Apesar do potencial do país para o desenvolvimento da heveicultura, a produção brasileira consegue atender apenas 33% do consumo doméstico. O Brasil é apontado como a solução para o déficit futuro de borracha natural no mercado internacional, pois domina a tecnologia de produção e possui área disponível para a expansão da cultura.

Para Heiko Rossmann, diretor da Associação Paulista de Produtores e Beneficiadores de Borracha (Apabor), um problema que o setor deve enfrentar nos próximos três anos é a escassez de mão-de-obra no campo para as atividades relacionadas com a sangria. Algumas iniciativas para solucionar o problema já vêm sendo realizadas, mas ainda são incipientes diante da necessidade. "A certificação contribuiria sim para o crescimento do setor heveícola", afirma Rossmann, ao ser questionado sobre o assunto. O dirigente acredita que o primeiro passo seria a certificação dos viveiros de produção de mudas, para fornecer maior garantia a quem está investindo no plantio de seringueira. "Seguindo na cadeia produtiva, poderia ser criado um selo de qualidade para o produto oriundo da fazenda, seja látex *in*

natura ou coágulo”, diz o diretor da associação. Ele completa: “Assim, as usinas poderiam remunerar melhor os produtores que possuem o selo”. As usinas de beneficiamento já possuem certificação de qualidade (ISO 9001), exigência de grandes clientes, como Bridgestone-Firestone, Goodyear, Michelin e Pirelli, fabricantes de pneus que compram mais de 80% da produção nacional de borracha natural. Rossmann acredita ainda que falta investimento em marketing. “A maior parte das pessoas pensa que a borracha é produzida na Amazônia, e se surpreendem quando falamos que o Estado de São Paulo é o maior produtor”, diz. “Como podemos atrair investimentos para o setor se as pessoas desconhecem a cultura?”, questiona Rossmann. A certificação no segmento produtor de matéria-prima poderia contribuir para otimizar processos e fornecer mais garantias aos investidores, principalmente os novos.

Segmento de Madeira Processada

O processo de certificação de produtos de origem florestal vem enfrentado problemas para se desenvolver no país quando se trata de florestas tropicais nativas. As causas principais são a falta de regularização fundiária e o processo de transição das responsabilidades do governo federal para os Estados, que vem sendo feito de forma lenta, segundo Roberto Waack, representante do Forest Stewardship Council (FSC). No caso das florestas plantadas, Waack avalia que o país tem um desempenho melhor e destaca como fato novo a entrada das plantações de espécies nativas, especialmente na região Norte, voltadas para a recuperação de áreas degradadas e fornecimento de madeira para mercados que tradicionalmente usavam madeira tropical ilegal.

O mercado da madeira certificada está em expansão em todo o mundo. De acordo com uma pesquisa feita pelo próprio FSC, nos últimos dois anos o tamanho das áreas de floresta que contém o selo verde dobrou. Essa tendência também pode ser observada na construção civil e arquitetura.

No Brasil há mais de cinco milhões de hectares de florestas certificadas pelo selo FSC, ou seja, que possuem o selo verde. Apesar de as pesquisas sobre exigências do consumidor por produtos certificados de origem florestal estar nos seus primeiros passos, pode-se afirmar que, de modo geral, a demanda por produtos florestais certificados ainda não é requisito dominante nas exigências dos consumidores brasileiros. Segundo pesquisa do Instituto Quorum, 70% dos consumidores paulistanos desistem de comprar produtos com certificação ambiental se os mesmos itens sem certificação tiverem preço mais baixo. Outros

dados mostram que 47% dos paulistanos não deixam de consumir determinados produtos mesmo cientes de que são prejudiciais à natureza.

Segmento de Móveis

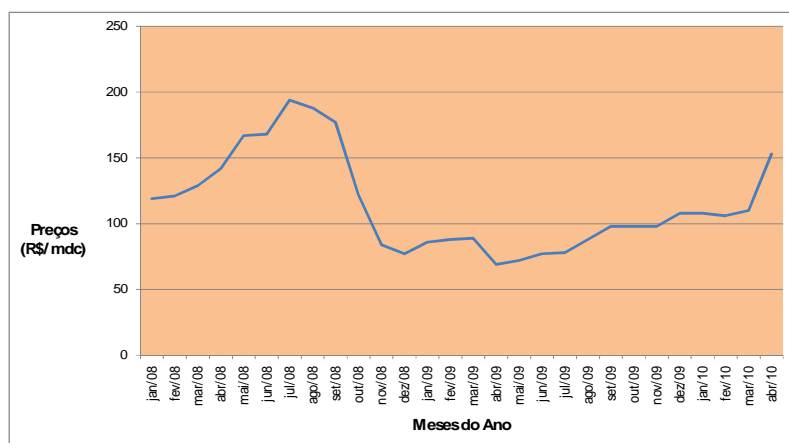
Praticamente, não existe um mercado expressivo para móveis certificados no Brasil. O que existe são atividades pioneiras, relativamente recentes, que esboçam tentativas de conquistar clientes mais exigentes da classe média alta, e um trabalho, ainda incipiente, de conscientizar novos clientes. Nesse sentido, cita-se a iniciativa da “Feira Brasil Certificado”, criada em 2000 para promover negócios entre produtores e compradores de produtos certificados, dentre outros. Geralmente, trata-se de móveis caros, de oferta restrita e preço elevado. Para o presidente da Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário (Abimovel), José Luiz Diaz Fernandez, os móveis com essa certificação são raros, pois a grande parte dos clientes ainda não exige tal característica. No entanto, há um esforço por parte de algumas indústrias em incrementar esse mercado. No início desse ano, móveis certificados do Acre começaram a ser ofertado no Sudeste por uma rede importante de revenda de materiais para construção, reforma e decoração, mostrando a estratégia da rede em inovar ao focar com exclusividade no potencial desse mercado.

Atualmente, o mercado de móveis, em geral, encontra-se em grande movimentação e expectativa, buscando atuar em várias frentes de trabalho e expansão da atividade. O setor investe em participação em feiras nacionais e internacionais, em novo design, em ações junto aos governos estaduais e federal em favor de políticas de incentivo a produção e exportação. Algumas empresas acreditam num crescimento de até 20% de suas vendas ainda este ano. No mercado externo, a expectativa é de um crescimento de 5% até 2011.

Segmento de Carvão Vegetal

A certificação no segmento de carvão vegetal ainda é incipiente quando comparado aos segmentos de celulose e papel, chapas de madeira e de móveis. Isto devido ao fato de que a produção de carvão destina-se, na sua maior parte, à indústria siderúrgica, que em geral ainda não requer produto certificado. Algumas empresas do setor apresentam certificações do Sistema de Gestão, como a ISSO 9001 (Sistema de Gestão da Qualidade), ISSO 14001 (Sistema de Gestão Ambiental), OHSAS 18001 (Sistema de Gestão da Segurança e Saúde no Trabalho), SA8800 (Responsabilidade Social), mas não apresentam certificação do carvão vegetal.

Considerando o mercado de carvão, a Figura 1 mostra o comportamento dos preços desse na Praça de Belo Horizonte, MG, no período entre janeiro de 2008 e abril de 2010. Confirmando previsões das conjunturas anteriores para 2010, o mercado apresenta uma trajetória de preços ascendentes. Observa-se, claramente, a partir de novembro de 2009, a volta dos preços em direção aqueles patamares verificados em junho e julho de 2008, quando o mercado esteve fortemente favorável. Esse comportamento deve prevalecer tendo em vista as previsões atuais extremamente otimistas de crescimento da economia interna e externa. Atualmente, o preço praticado na praça de Belo Horizonte está em R\$153,00 por mdc.



Fonte: Associação Mineira de Silvicultura (2010).

Figura 1 – Preços de carvão vegetal em Belo Horizonte - MG, no período de janeiro de 2008 a abril de 2010.

Equipe do Centro de Inteligência em Florestas:

Naisy Silva Soares - Economista, MS. Ciência Florestal

Alberto Martins Rezende - Eng. Agrônomo, MS. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva - Eng. Florestal, DS. Ciência Florestal

Sidney Araujo Cordeiro – Eng. Florestal, MS. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura - Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.